

ESCOLA: ESPAÇO CRIATIVO – O FAZER DE CADA UM

*Ms. Lucia Maria de Mello Souto Boarin**

Resumo: Neste artigo a idéia é ver a escola como um espaço criativo, uma possibilidade real para cada pessoa desenvolver a sua expressão própria tanto na vida como na aprendizagem. Ensinar pode ser um reconhecimento bem como partilha de sentimentos e emoções e pontos de vista visando melhor pensar e fazer.

Palavras chaves: criativo, aprendizagem, pensar, emoções, fazer.

Abstract: *In this article the idea is to see school as an creative space, a real possibility for each person to develop their inner expression in life as in learning. Teaching could be to acknowledge and share feelings and emotions and student's points of view looking forward better thinking and doing.*

Key-words: *creative, learning, thinking, emotions, doing.*

A partir do instante, que pensamos no fazer de cada um, criança, jovem ou adulto, estamos afirmando, que somos diferentes, que cada um precisa ter o seu espaço para desenvolver o seu fazer e mais, para que isso aconteça, é necessário que esse espaço seja criativo.

Ao pensar na criança, na pessoa humana, vejo todo um conjunto de dados denominados existenciais, entretanto, não se trata da existência de um objeto que ocupa um espaço, mas, a existência de um sujeito. Um sujeito que se apresenta, que se exterioriza, entre outros sujeitos.

Desembocamos então numa abordagem fenomenológica, torna-se claro que precisamos abandonar os conceitos e dados e ver a pessoa como pessoa e com ela nos relacionarmos.

Se falarmos, em espaço criativo, precisaremos então delinear que a nossa própria realidade é um constante vir a ser onde nós mesmos nos constituímos nessa mudança. Não



podemos cristalizar idéias e delas partir para a ação, mas, sim, buscar idéias existentes ou não a partir de rica experiência de cada um.

Todas as circunstâncias e perspectivas devem ser consideradas, cada pessoa traz a sua individualidade, que a distingue das demais pessoas. Essa identidade precisa ser respeitada para que realmente se abram as possibilidades do fazer individual.

“Muitas vezes, como educadores, há um esquecimento da pessoa do aluno, com exigências sobre o seu fazer. Isso cria uma dissociação do cognitivo e do afetivo, entre o ser e os fazeres, com atividades desvinculadas do interesse e da própria motivação individual e coletiva da escola” (Neves, 2005, p.24)

Como educadores devemos deixar de lado todas as classificações, modelos e formas de enquadramento e alargar os horizontes para que floresça o espaço que permita ao fazer de cada um.

Todos passamos por dois trajetos: descrevemos nossa história biológica e escrevemos nossa história humana contribuindo social e culturalmente.

Como educadores somos responsáveis, temos a obrigação de criar o espaço que ofereça as possibilidades ao fazer de cada um.

A maior crise atual diante dos grandes avanços tecnológicos está no fato do próprio homem precisar reaprender a viver, a criar, a agir com seus próprios recursos. A tecnologia nos mergulha na ilusão do produto terminado e perfeito. Esquecemos o processo de criação, obscurecido que fica pelo brilho do produto conservado.

O universo relacional traz à criança a matéria para o seu próprio desenvolvimento. Sem a interação não realizamos o intercâmbio entre pensar e agir. Precisamos, porém, considerar a interpretação de cada fazer não só pela ação, mas, pelo contexto.

No mundo moderno comandado pela máquina nos são dadas poucas chances de respondermos livres às situações, não há muito espaço para a espontaneidade. Não saímos simplesmente vencedores no nosso contato com a máquina. Para sobrevivermos precisamos resgatar a personalidade de criador. É preciso que sejamos agentes do nosso destino e não peças de uma engrenagem, sem iniciativa e opinião.



Fazemos coisas e aprendemos coisas porque estamos em estados, de medo, aspiração, amor entre outros. Esses estados são afetados pela imaginação, estimulação, emoção. É grande a nossa responsabilidade como educadores.

Todos podem e devem ter a chance de desenvolver ao máximo suas potencialidades de criar, das respostas às pessoas e circunstâncias.

É preciso, urgentemente valorizar o ato da criação, promover uma revolução criadora, mergulhar no universo das relações interpessoais, elementos que colocam os nossos alunos, no sendo uns com os outros.

A sociedade é diariamente renovada pelos atos individuais de natureza comunicativa, estamos diante do outro e nos comunicamos pelo gesto, palavra, olhar. O próprio viver é criativo. A forma de enfrentar o dia a dia, de elaborar tarefas simples, o ato de escolher, tudo reflete a criatividade.

O impulso criativo é algo muito considerado na produção de um artista mas, precisamos saber que ele está presente em tudo, tanto no ato de uma criança dar os primeiros passos como na inspiração de um construtor ao descobrir o que e como deseja construir e pensar em termos dos materiais, de modo que seu impulso criativo possa tomar forma.

O fazer, portanto, precisa do espaço criativo que se configura na relação entre a pessoa e o meio, na descoberta de novas relações entre a coisas já conhecidas.

A criatividade não brota do vazio, está baseada no conhecimento já possuído e na coragem de procurar o desconhecido.

É necessário sermos como educadores, a ponte entre o viver criativo e o viver propriamente dito.

Toda vida verdadeira é encontro. Toda vida verdadeira é participação, criação, fazer. Criar pressupõe operar, trabalhar, fazer.

Como educadores precisamos elaborar um cenário, um espaço com pessoas e materiais, um ambiente que proporcione o fazer de cada um; precisamos criar o espaço criativo. Para isso precisamos reorganizar o pensamento, nossas concepções sobre conhecimento.



Na nossa cultura não estamos habituados a pensar e explicar usando o sentido da simultaneidade. Somos muito lineares, e não conseguimos, facilmente, pensar em rede. Mas, se movimentarmos um pouco mais o nosso olhar, buscando novas direções perceptivas e novos processos mentais, podemos pensar em situações de aprendizagem que nos convidem para exercitar este olhar e este pensar, articulando um movimento simultâneo“(Fagali, 2001, p. 40)

Estamos na era da cultura transdisciplinar.

Nossas idéias anteriormente eram conduzidas pela razão, adequação dos meios aos fins. Depois pensamos no social e aqui eu diria que não somos simplesmente sociais, só nos configuramos no social entre pessoas.

Estamos na era da complexidade; não complexo enfocado como complicado, contrário de simples mas complexo como pensado junto, construído junto. Já passamos no multidisciplinar, ultrapassamos o interdisciplinar e hoje estamos no transdisciplinar.

Precisamos refazer, religar o que foi separado, adquirir um novo olhar. È urgente reaprender a pensar.

Isto se impõe como um problema porque para reformar o pensamento precisamos romper paradigmas e para rompermos paradigmas precisamos reformar instituições. Para reformarmos instituições precisamos de um pensamento reformado. Há uma evidente contradição.

O nosso grande problema é nos transformarmos.

Nada, nenhuma autoridade ou legislação vai fazer isso, trata-se de um movimento nosso, individual. É na verdade o fazer de cada um que tem ou terá o poder de executar a transformação.

O nosso fazer como educadores, principalmente, surge como a esperança; precisamos nos transformar para transformarmos a escola em espaço criativo onde nossos alunos desenvolvam os seus fazeres e assim, juntos, possamos todos criar e construir, desconstruir e recriar ou melhor, onde possamos viver.



Referências Bibliográficas

FAGALI, Elois Quadros. Múltiplas faces do aprender. Novos Paradigmas da pós-modernidade. São Paulo: Unidas, 2001.

MORIN, Edgar, CIURANA, Emilio-Roger, MOTTA, Raúl Domingo. Educar na era planetária. O pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003

NEVES, Siloé Pereira. Olhar subjetivo da objetividade. IN: MASINI, Elcie, SHIRAHIGE, Elena E. e NEVES, Siloé Pereira. (orgs.) Uma jornada de reflexão sobre a prática em psicopedagogia. São Paulo: Vetor, 2005.

TORRE, Saturnino de la. Dialogando com a Criatividade. Da identificação à criatividade paradoxal. São Paulo: Madras, 2005.



* Lucia Maria de Mello Souto Boarin: Mestre em Educação, Administração e Comunicação, Psicopedagoga, Consultora Educacional, especialista em Didática e Educação Especial, idealizadora do ALÔ VIDA, Santos, e professora das Faculdades Don Domenico, Guarujá.
